

35º Encontro Anual da Anpocs

GT 32: Sexualidade e gênero: sociabilidade, erotismo e política

Ciência, medicina, auto-ajuda e mercado: a
triangulação de três campos na constituição
de políticas sexuais

Carolina Branco de Castro Ferreira

INTRODUÇÃO

De modo geral, nos últimos 20 anos as diferentes mídias têm constantemente abordado o tema da adicção sexual e de relacionamentos afetivo-sexuais, bem como de práticas “sexualmente perigosas”. Há pouco tempo atrás a “BBC América” exibiu um documentário chamado “my 10.000 lovers” no qual conta a história de uma prostituta, de um homem de meia idade e de uma jovem modelo que “passam suas vidas pulando de cama em cama”. A Vh1, canal norte-americano de televisão com grande repercussão mundial, exhibe regularmente o “reality show” chamado “Sex Rehab with Dr. Drew”. O programa mostra pessoas em tratamento para adicção sexual no Centro de Reabilitação chamado Pasadena, na Califórnia, sob a responsabilidade do Dr. Drew Pinsky, médico estadunidense especialista em adicções.

Em agosto de 2010, a “Visão”, revista semanal portuguesa de grande circulação traz em sua capa: “Viciados em Sexo”. A principal matéria naquela edição trouxe a opinião de especialistas (médicos, sexólogos e terapeutas) sobre o assunto, bem como uma lista dos “adictos famosos”, todos de origem euro-americana. Além disso, o leitor encontrava dicas de filmes e livros sobre o tema¹.

Em 1999, a revista mais vendida no Brasil, chamada Veja, publica uma matéria especial sobre vício². Na reportagem é destacada a importância de grupos anônimos de auto-ajuda no combate às dependências. Entre os grupos destacados está os Dependentes de Amor e Sexo Anônimos (DASA em inglês SLAA), fundado no Brasil em 1993. A matéria trata sobre o funcionamento de grupos de auto-ajuda e defini os freqüentadores de DASA como pessoas que têm graves problemas afetivos ou são viciadas em sexo. Segundo a revista, sexo para os freqüentadores deste grupo já foi um

¹ Entre eles estão: “O Diário de uma Ninfomaniaca”, livro da francesa Valeri Tasso lançado em 2003, no qual a autora então com 41 anos se apresenta como sexóloga e pesquisadora, nele a autora proveniente de classe média francesa e formada em Gestão de Negócios, revela seu passado repleto de “excessos sexuais” que a levou a fazer programas de luxo, durante um tempo, por opção. Em 2008, o cineasta espanhol Christian Molina, adaptou a história para roteiro de cinema lançando o filme com o mesmo nome do livro. “Choke-Asfíxia”: dirigido por Clark Gregg, o filme/comédia trata da história de um ex-estudante de medicina, Victor, que freqüenta grupos de auto-ajuda para viciados em sexo e dá pequenos golpes em desconhecidos para pagar o internamento de sua mãe que está com Alzheimer. Quando Victor descobre que a doença da mãe revela segredos sobre seu desconhecido pai, sua vida de “sexo sem amor” desaba então ele se apaixona, com dificuldades para expressar seus sentimentos, pela médica de sua mãe. “Entre las piernas”: do diretor espanhol Manoel Gómez Pereira, o filme narra a história da personagem Miranda (interpretada por Victoria Abril), uma locutora de rádio, casada e com filhos que costuma trair seu marido em seus passeios diários no parque. Em busca da “cura” para sua adicção sexual, Miranda passa a freqüentar uma terapia em grupo para viciados em sexo, onde conhece Javier (Javier Bardém) também adicto em sexo, com quem passa a ter um caso sexual-afetivo que abre caminhos para acontecimentos inesperados.

² http://veja.abril.com.br/240299/p_096.html-24/02/1999- último acesso em 25/07/2011

prazer corriqueiro. No entanto, com o tempo, tornou-se uma obsessão criando dificuldades no emprego, no relacionamento com a família e com outras pessoas.

Em 2003, a GLOBO, a rede brasileira de televisão com maior índice de audiência, exibe em “horário nobre” a novela “Mulheres Apaixonadas”. Entre as personagens da novela, está Heloísa, uma mulher branca, por volta de 40 anos de idade, proveniente das camadas médias do Rio de Janeiro. Ela sofre de ciúme excessivo por seu marido e resolve procurar o grupo de auto-ajuda Mulheres que Amam Demais Anônimas (MADA). No Brasil, este grupo, nasceu em 1994, na cidade de São Paulo, por iniciativa de uma mulher, esposa de dependente químico, que depois de ler seguiu as orientações do livro *Mulheres que Amam Demais* da terapeuta americana, Robin Noorwood.

No mesmo ano de exibição da novela, o website brasileiro “Observatório da Imprensa”³ relaciona o drama da personagem com o mercado editorial brasileiro. De acordo com o veículo jornalístico mencionado, o grupo Siciliano (uma das editoras no mercado editorial brasileiro) lançou uma edição especial do livro de Noorwood, pois o livro que vendia 300 exemplares mês passou a vender 2 mil/mês depois da repercussão da novela. Segundo a gerente comercial de vendas do grupo Siciliano, além dos livros, a popularização do tema sobre o “vício” do amor fez com que muitos grupos MADA fossem fundados em todo o país. A maior encomenda de livros era feita pelos próprios grupos.

MEDICINA, AUTO-AJUDA E MERCADO: O TRIÂNGULO

Acima são alguns poucos exemplos etnográficos retirados da internet, revistas e jornais de como os discursos médicos e populares sobre o desejo aparecem como linguagens ligadas ao sexo. Eles existem e são (re)/(co) produzidos, (re)/(des) locados num campo discursivo de aparatos religiosos, legais, políticos, mercadológicos, práticas pedagógicas, diversas definições médicas e outros intermediários culturais como pornografia, auto-ajuda, ficção romântica, músicas populares e etc. Todos estes elementos (dentre outros que não enumerei aqui) se combinam (inclusive excluindo-se)

³ O Observatório da Imprensa é uma iniciativa do Projor – Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo e projeto original do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Segundo o website, é um veículo jornalístico focado na crítica da mídia, com presença regular na internet desde abril de 1996. Fonte: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/pages/oihistoria>. Acesso em 24/06/2010.

de formas diversas e produzem fronteiras e limites de legitimidade com relação às experiências, práticas e convenções eróticas, afetivas, sexuais e de gênero.

Além disso, não seria demais dizer, seguindo os comentários de Piscitelli (2009), na abertura da Coletânea Prazeres Dissidentes, que assistimos contemporaneamente uma permanente negociação de “normalizações” de práticas erótico-afetivas-sexuais que no passado foram objetos de intensas rejeições, tais como pornografia, masturbação, infidelidade, prostituição, homoerotismo, dentre outras. Essas negociações em curso aparecem articuladas simultaneamente com a “criminalização” de outras práticas, tais como violência sexual e pedofilia. Nesse sentido, abrem-se pistas de pesquisa sobre as convenções que compõe essa normalização e a criminalização de práticas que apesar de envolver o direito da livre expressão da sexualidade, provocam reações.

Nas duas últimas décadas, diferentes autores no âmbito internacional e nacional têm apontado diferenças, contradições, tensões e novos sentidos dados pelos sujeitos às disposições normativas afetivo-sexuais nos cenários contemporâneos. Dialogando com essa produção e inspirada na organização dos dados, no trabalho de Irvine (2005), a proposta de minha pesquisa de doutorado é compreender aspectos da produção de moralidades e noções afetivo-sexuais no Brasil contemporâneo a partir da triangulação de imperativos médicos, de demandas e experiências individuais e tradições e “ansiedades culturais”

Para isso, constituí meu campo etnográfico a partir de três frentes e busco compreender as diferentes relações, os fluxos, as circulações, a (co) produção e os deslocamentos de sujeitos, significados, noções e sentidos entre eles. A primeira delas é trabalho de campo etnográfico entre redes de socialidade constituídas a partir da circulação e fluxo de sujeitos, sentidos e significados entre grupos de ajuda mútua anônimos ligados às idéias de adicção/compulsão sexual e amorosa, na qual busco contemplar as demandas e experiências individuais. Este campo etnográfico é privilegiado para compreender contradições, tensões e novos sentidos dados pelos sujeitos a estas disposições e dinâmicas normativas no âmbito de relacionamentos afetivo-sexuais em cenários contemporâneos nos quais o sexo aparece como recreação, “liberalização”, “libertinagem” e ao mesmo tempo, como dispositivo normativo e de controle, podendo ser legitimado por meio das idéias de relação, amor e romance.

Neste sentido, os grupos de ajuda mútua voltados para adicção no sexo e /ou amor são objetos privilegiados para desvendar processos de constituição de subjetividades contemporâneas no que refere ao comportamento sexual, as atividades e prazeres decorrentes dele, uma vez que são espaços nos quais se condensam tensões vinculadas às normas relativas ao sexo, a atividade erótica e aos sentimentos.

A segunda frente é constituída por material etnográfico e bibliográfico que tenho reunido sobre o surgimento de categorias médicas e noções patologizadoras, relacionadas ao amor e ao sexo, a qual contempla o vértice do triângulo sobre imperativos médicos. Venho constituindo este material a partir de dissertações de mestrado, teses de doutorado e artigos científicos na área médica psiquiátrica, bem como, por trabalho de campo etnográfico no Ambulatório Integrado dos Transtornos do Impulso (AMITI) do Instituto de Psiquiatria no Hospital das Clínicas em São Paulo.

Entre diferentes especialidades este ambulatório conta com atendimento médico e psicológico para “amor e ciúmes patológicos” e “compulsão sexual”. Este campo etnográfico é privilegiado para entender a invenção de novas categorias que patologizam o sexo, surgidas na segunda metade do século XX, tais como adicção e compulsão sexual e amorosa, inibição do desejo sexual ou ainda inadequação e disfunção sexual. Estas noções têm sido centrais na regulação da sexualidade, justamente porque apagam as relações sociais empregadas na produção das noções de sexo e doença. Assim, à medida que são reconhecidas socialmente como entidades orgânicas se tornam objetos legítimos das práticas discursivas médicas, que desde o século XIX, nos termos de Foucault, tem sido responsável pela “proliferação de sexualidades”, sendo que, a maioria delas tem carregado o rótulo de perversão renascida como doença.

A última frente é organizada a partir da análise de alguns livros de auto-ajuda tomando este gênero literário como intermediário cultural atuante na transmissão de conhecimentos científicos para um público leigo, contemplando o último vértice do triângulo que seriam as “ansiedades culturais”. Especificamente, o objetivo aqui é compreender as implicações da expansão deste mercado editorial e suas articulações com outros mercados (principalmente o erótico e o médico) e seu papel popularizador de noções e idéias relacionadas ao campo constituído por este estudo.

Parto da hipótese que o mercado editorial brasileiro de livros da auto ajuda é um dos vetores de expansão e popularização do que chamarei de “mercado psi” resultado da descentralização, diversificação e complexificação de ofertas e instrumentos

psicoterapêuticos do que na década de 80, no Brasil, convencionou-se chamar de cultura psicologizada típica das classes médias urbanas (ver a coletânea Figueira, 1988). Para pensar a relação entre produção, consumo e mercado, parto das análises (Fry, 2002, Gregori, 2010, França, 2010) que tomam os mercados segmentados não como demandas de grupos sociais pré-existentes, ao contrário, eles contribuem para a produção de sujeitos, categorias, estilos, subjetividades e identidades.

A idéia em tomar os livros de auto-ajuda e o mercado editorial desse gênero como um campo etnográfico e analítico vem da importância que livros como *Mulheres Que Amam Demais* da norte-americana Robin Norwood, *Isto Não é Amor* do norte-americano Patrick Carnes, entre outros, apareciam da narrativa dos atores, tanto dos que freqüentam os grupos, como o de médicos e psicólogos do AMITI. Nos grupos este tipo de livro é emprestado, digitalizado e enviado por email, e é a partir dessas leituras e da freqüência nos grupos que as explicações/saberes sobre si também são produzidos.⁴

Segundo Irvine (1993) e Levine e Troiden (2002) Patrick Carnes (*Isso não é Amor, 1983 e 1991-edição brasileira; Um Suave Caminho ao longo dos Doze Passos, 1993 e 2001-edição brasileira*) foi o maior responsável pela popularização da noção de *adicção sexual* nos Estados Unidos. Aqui no Brasil, também pude verificar tal influência. No ambulatório de *sexo compulsivo* no AMITI do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas em São Paulo, os *critérios diagnósticos* para *compulsão sexual* são definidos e influenciados pelos trabalhos de Patrick Carnes e Aviel Goodman. O primeiro aparece como “expert no campo da adicção sexual nos Estados Unidos, e o segundo é médico psiquiatra no mesmo país. Além disso, o livro *Mulheres que Amam de Demais* de Norwood, não só inspirou como foi o primeiro material a ser lido por um grupo de estudos no Hospital das Clínicas, que mais tarde se constituiu como o ambulatório do *Amor Patológico*.

Além disso, pensar como o desenho metodológico de minha pesquisa articula-se com noções de mercado, mais especificamente isso que chamo de “mercado Psi”, foi se constituindo etnograficamente a partir de dois caminhos. O primeiro são as conexões entre noções de consumo, de doença e adicção afetivo-sexuais estabelecidas pelos

⁴ Os livros também têm um papel fundamental na fundação de grupos como mencionei no caso do MADA. Antes da fundação do primeiro grupo de DASA em São Paulo, no Santana, alguns homens já se reuniam nesse bairro para “falar abertamente sobre suas questões sexuais” e estudar o livro de Patrick Carnes *Isso não é Amor*. Sobre a fundação dos grupos ver FERREIRA, Carolina Branco de Castro em: <http://pt.scribd.com/doc/59078916>; <http://pt.scribd.com/doc/59079012>; <http://pt.scribd.com/doc/59079074>; http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST18/Carolina_Branco_de_Castro_Ferreira_18.pdf

freqüentadores dos grupos por meio de palavras, conceitos e práticas. Muitos dos participantes dos grupos de auto-ajuda relacionados à adicção afetivo-sexual ao explicarem os circuitos que freqüentam citam os Devedores Anônimos e incluem o consumo exagerado de serviços e objetos, bem como fazem distinções em maneiras de consumir para explicarem e darem sentidos sua *adicção/compulsão sexual* ou *descontrole emocional*.

Em outras palavras, passou a me intrigar quais as idéias, as maneiras e as práticas de consumir e o que é considerado mercadoria ou não, que atuam na transformação reflexiva de identidades pessoais. Analisar estas as noções de consumo presentes nos fluxos e circulação de sujeitos, sentidos e significados para passou a ser um campo fértil para entender o reconhecimento de sujeitos morais da conduta sexual e emocional, bem como quais são os estilos de afeto/sofrimento que permeiam estes processos e quais novas contribuições oferecem em termos de leituras e conceptualizações de intimidade.

No início da pesquisa levantei como hipótese inicial que os grupos anônimos eram freqüentados por camadas médias urbanas relativamente intelectualizadas e psicologizadas; indícios etnográficos me levavam a isso. Notava que muitos participantes eram adeptos a terapias e análises individuais, tinham níveis de escolaridade e consumo elevados. No entanto, com tempo modifiquei essa suposição, pois percebia que havia uma convivência entre camadas médias e camadas médias baixas.

No entanto, mesmo nos grupos que estão localizados no bairro dos Jardins encontro pessoas não intelectualizadas com níveis de escolaridade e consumo diferenciados. Mulheres e homens chegam à reunião com seus carros próprios e muitas/os outras/os de transporte público. Com relação às profissões há profissionais como advogados/as, enfermeiros/as proprietários/as de pequenos comércios, universitários/as, auxiliares de escritório, de enfermagem e serviços gerais, bem como funcionários públicos de baixo escalão, bancários/as e etc.

Na narrativa de muitos deles/as está presente projetos de investimento em cursos para re-qualificação profissional ou mudança de emprego para obter salários melhores. Com relação aos padrões de consumo eles/as citam desde cirurgias plásticas estéticas a crediários em lojas populares como as Casas Bahia. Também há diferenças entre as

peças com relação aos recursos discursivos para narrarem seus sofrimentos, ou seja, os grupos são freqüentados por sujeitos que dominam um vocabulário sofisticado e psicanalizado para falar de si e também por aqueles com menos recursos retóricos e gramaticais. Eu arriscaria dizer que, no Brasil, cada vez mais pessoas das camadas médias baixas procuram estes grupos para tratar de seus estados emocionais e afetivo sexuais

Assim, estes dados vão de encontro com de outras pesquisas (Antonio, 2010; Silva, 2007) que apontam como a “cultura psi do Brasil” por uma variedade de caminhos vem se expandindo e se atualizando de maneira específica em diversos estratos sociais. Qual é o papel desse “mercado psi” nesse processo?

O CAMPO DA MEDICINA SEXUAL: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A história da medicalização das questões sócio-sexuais data do século XIX, quando a autoridade moral e religiosa na área passou a ser substituída pela investigação científica e pela profissionalização médica, propagando novos discursos e identidades sexuais (Foucault, 2001). Nas últimas três décadas o aparecimento de atores, tais como, o adicto em sexo, o co-dependente ou o adicto por relacionamentos, bem como dos grupos DASA, MADA e CODA surge de processos de patologização de comportamentos no campo afetivo-sexual, nos quais noções de amor, de sexo e de relacionamentos se articulam a categorias abstratas de doença, de biologia e de natureza produzindo relações sociais e processos hegemônicos que constituem as noções de normal e subalterno.

No cenário internacional o conceito de adicção sexual emergiu pela primeira vez entre os membros de Alcoólicos Anônimos, em Boston, no ano de 1977, nos E.U.A. Alguns membros do grupo descobriram sua condição ao tomar a filosofia e ideologia de A.A em relação a suas inabilidades sexuais; eles definiram suas masturbações freqüentes, sexo impessoal, dependência emocional e relações fora do casamento como a manifestação de uma nova doença chamada sex and love addiction. A percepção de uma sexualidade fora de controle motivou esses membros de A.A a encontrar outras pessoas com problemas similares para compartilhar seus sofrimentos com a finalidade de se manterem sóbrios. (Levine e Troiden 2002) Nos E.U.A o grupo Sex and Love Addicts Anonymous (SLAA) também é conhecido como Augustine Fellowship. No período de seu surgimento um de seus membros leu o livro Augustine's Confessions, no qual Santo Agostinho (343 A.C) conta sua história de conversão ao cristianismo. Dentre

outras questões, ele esboça um profundo arrependimento com relação a seus pecados sexuais e escreve sobre a importância de uma moralidade sexual. Rapidamente os membros do novo grupo se identificaram: obviamente ele era um de nós.

De acordo com Irvine (1993; 1995) no cenário estadunidense deste período, vários profissionais engajaram-se no tratamento e diagnóstico de indivíduos que afirmavam sofrer de alguma desordem. Esses profissionais ficaram conhecidos como *adictionologists*. Esse conhecimento profissional sobre a compulsão sexual estava pautado na teoria da adicção do início da década de 70. Esta nova proposição operava com a noção que o uso abusivo de substâncias como álcool e drogas não era prerrogativa para adicção, uma vez que, qualquer excesso em termos de comportamento poderia transforma-se em dependência. Segundo a autora, essa hipótese tornou-se popular e amplamente generalizada a partir das idéias sobre adicção representadas pelas figuras do trabalhador compulsivo, do comprador compulsivo e do jogador compulsivo. Nesse sentido, os proponentes da síndrome explicavam a adicção sexual através da expansão do paradigma das desordens da adicção. Muitos desses profissionais juntaram-se e abriram pequenas clínicas de tratamento para disfunções sexuais.

Ainda no cenário estadunidense, a noção de co-dependência também nasce no bojo da nova teoria da adicção. A literatura sobre este tema mostra uma grande variedade de definições, de perspectivas teóricas, e inclusive, de desacordos e de críticas. A primeira e mais clássica definição do termo aparece, no final da década de 70, para descrever a relação disfuncional entre a esposa e seu marido alcoólatra. Neste período, a literatura na área da psicologia/psicopatologia sobre o tema faz distinção entre dependência e co-dependência. É comum a primeira noção aparecer relacionada a pessoas adictas a substâncias químicas e álcool (dependência química). Já a segunda seria uma adicção a outra ou a outras pessoas e os problemas decorrentes disso não seriam um sintoma, mas um problema em si mesmo. O foco na família amplia a definição do termo e passa a incluir os filhos ou qualquer indivíduo próximo envolvido no relacionamento com um alcoólico (Vampre-Humberg, 2003), embora outras definições defendam que a co-dependência poderia ocorrer independente do alcoolismo ou outros transtornos causados pelo uso de drogas.

No final da década de 80, Charlotte Davis Kasl no livro *Women, Sex and Addiction* articula a adicção sexual feminina à noção de co-dependência, definindo-a como doença devastadora a qual incide sobre a mulher que faz sexo a qualquer hora, mesmo quando não o deseja, tendo em vista manter uma relação afetiva ou agradar ao

parceiro. Na primeira conferência nacional sobre co-dependência, no Arizona em 1989, nos EUA, emergiu a definição oficial da questão: a codependencia es una pauta dolorosa de dependencia de comportamientos compulsivos y de búsqueda de aprobación en un intento de estar a salvo, de adquirir una identidad y un valor de sí mismo» (Lawlor, 1992: 19 apud Balenciaga, 2000).

A crítica mais feroz a esta noção surgiu entre as feministas. Mesmo quando o conceito fora ampliado para definir qualquer relação disfuncional, ele ainda estava associado a características femininas e amplamente atrelado às mulheres, mais do que aos homens. Segundo Schrager (1993) qualquer mulher ao comportar-se de acordo com o estereótipo da feminilidade, já seria diagnosticada como personalidade co-dependente. Esta autora critica a noção Amar demais (Love Too Much) difundida pelo Best-Selling “Mulheres que Amam Demais” (Women Who Love Too Much), da terapeuta estadunidense Robin Norwood, responsável pela popularização do conceito de co-dependência que tem no cônjuge, geralmente a mulher, o co-participante no processo de adicção em álcool e drogas. De modo geral, Schrager (1993) argumenta que os livros de auto-ajuda dirigidos ao público feminino são herdeiros dos manuais de conduta e das novelas para mulheres de classe média, anteriores a medicalização da sexualidade, nos séculos XVIII e XIX na Inglaterra e nos E.U.A. Ainda, ela considera que o conteúdo veiculado por eles, especialmente a noção de Amar de mais, não leva em conta o contexto social, cultural e econômico gerador de desigualdades e dificuldades para mulheres, vitimizandoo-as diante da noção de doença sugerida por tal conceito. Além disso, a autora avalia em que medida, essas idéias não atualizam a noção de histeria feminina e desconsideram o modo como muitas mulheres vivem, se relacionam e criam seus filhos em situações difíceis e desvantajosas.

Irvine (1995) aponta como no contexto estadunidense a heterogeneidade dos grupos feministas também gerou um cenário propício para o diálogo e aceitação das novas formas de patologização das questões afetivo-sexuais. A autora mostra como na história do movimento de mulheres, naquele país, tem havido concorrência e desacordos entre significados relativos à sexualidade. Essas tradições ideológicas são complexas e nuançadas, nenhuma é mais feminista do que outra e estão presentes nos últimos 100 anos. Essas discordâncias podem ser sintetizadas a partir das idéias sobre o perigo da vitimização sexual para as mulheres e do potencial para o prazer e experimentação do corpo.

No Brasil, o campo de saberes médicos e psicológicos sobre a adicção é constituído a partir da “viagem” transnacional de conceitos e categorias. Eu estou reunindo e analisando material etnográfico para explorar como se traduziu localmente essas noções, ou seja, como essas categorias médicas fisicalistas e com pretensões universais ganham cores locais no campo desses saberes. No entanto, para a formação nacional deste campo de idéias, noções e categorias o mercado editorial de livros de auto-ajuda e a criação de grupos anônimos para sujeitos que passam a assumir essas identidades sexuais tem um papel importante.